

Dr. David Turner, Mateus

Sessão 1A – Introdução a Mateus I: Origens, Canonicidade, Estrutura

Bem-vindos ao curso sobre o Evangelho de Mateus. Aqui é David Turner, e esta é a Aula 1A. A primeira aula do conjunto de fitas sobre este Evangelho. À medida que você trabalha em todas as fitas, você deve ter como acompanhamento os materiais suplementares, que você deve ter recebido do Seminário. As aulas têm materiais suplementares e um esboço, o que explica por que ele estava indo à maioria delas. Eles têm alguns materiais suplementares, que ajudarão você a acompanhar e, com sorte, a fazer seu próprio estudo deste livro maravilhoso.

Então, esta é a aula 1 A, que estamos abordando com alguns assuntos introdutórios. Não é o material mais empolgante, mas ainda assim é útil para entender o contexto do Evangelho de Mateus. Então, por favor, acompanhe a página 3. Faça anotações nessa folha, se desejar.

As origens do Evangelho de Mateus. As origens do Evangelho de Mateus não são facilmente determinadas como sendo o Evangelho Anônimo de Mateus? Assim como nos outros três evangelhos, só se pode fazer suposições fundamentadas sobre o autor, os destinatários e o contexto deste evangelho. Tais suposições não são hipóteses formadas pela observação dos livros, da gramática, da sintaxe, do estilo literário e pelo estudo de seus temas distintivos por meio da leitura nas entrelinhas. Portanto, falar por meio da observação das Tradições Patrísticas, isto é, das Tradições dos primeiros Padres da Igreja, e outras vias de estudo.

Essas Tradições afirmaram unanimemente que o Evangelho de Mateus foi o primeiro Evangelho, o que contraria o pensamento moderno a esse respeito. O Evangelho de Mateus foi escrito pelo Apóstolo Mateus.

Bem, vamos refletir sobre a autoria por um momento. Embora o Evangelho de Mateus seja anônimo, parece claro que foi de fato escrito por um escriba para o apóstolo Mateus, no primeiro quarto do

século II da Era Comum. Quando uso o termo, "estava perto". Uso-o para ser o mesmo que a maioria das pessoas quer dizer quando dizem "d" ou "um odômetro naquele ano de Nosso Senhor", você está... isso rima com " apenas" significa que eles são o tempo, que começou com Jesus, quando judeus e cristãos viviam na Era Comum.

Assim, o evangelho de Mateus foi atribuído ao apóstolo Mateus, que foi o autor por volta do primeiro quarto do segundo século da Era Comum. E manuscritos antigos notáveis têm títulos que são atribuídos ao apóstolo. Mateus patrístico. Tradições concordam com essa descrição em lugares como Eusébio, História Eclesiástica, e 3.39 cita Papias do início do século II, Clemente de Alexandria é citado por Eusébio. 614 Clemente era do início do século III. Orígenes, citado por Eusébio e sua História Eclesiástica 6.25.4, aponta para Orígenes de meados do terceiro século. Todos esses indivíduos, Papias, Clemente de Alexandria e Orígenes, afirmam que o apóstolo Mateus é o autor do Primeiro Evangelho.

As palavras de Irineu, do final do século II d.C., concordam com as de Eusébio. Este testemunho adicional do século IV d.C. pode ser encontrado em Jerusalém ao mesmo tempo. Sim, e o Jerônimo, pelo fato notável de que esta tradição patrística postula que Mateus foi originalmente escrito em hebraico, será discutido mais adiante na nota sobre canonicidade e história textual.

Deixando de lado o testemunho patrístico, a maioria dos estudiosos é levada pela orientação judaica de Mateus a concluir que seu autor era um judeu cristão, talvez um judeu cristão, um termo historicamente mais preciso. Mas há uma visão minoritária que afirma que os adornos judaicos de Mateus são a criação literária da polêmica de um autor gentio contra o judaísmo. Acho que essa é uma visão equivocada, mas há quem a defenda.

Agora, a questão é a data do livro. É muito provável que haja alusões a Mateus na Igreja. Padre Inácio, que viveu no final do século I e início do século II da Era Comum. Também em um documento chamado Didaquê, um documento patrístico do início do século II da Era Comum. Essas ilusões iniciais, tomadas em conjunto com o testemunho de Papias, que mencionamos no momento de ir, deixam claro que Mateus era bem conhecido no início do século II, portanto. A virada deve ter escrito o evangelho do primeiro século, no máximo.

O consenso atual, baseado na visão de Marcos e da prioridade das relações evangélicas, coloca a origem de Mateus nos anos 80 ou 90 da Era Comum. Em alguns casos, este ano está prestes a aceitar a ideia de que Mateus 24-25 constitui uma profecia posterior ao evento sobre a destruição de Jerusalém.

Escrito após a destruição de Jerusalém, desculpe-me, Era Comum 70, é um erro colocado nos lábios de Jesus. Mas há quem argumente que a situação da igreja em desenvolvimento que emanou de Jâmnia após a destruição de Jerusalém,

Por outro lado, se alguém aceita o testemunho patrístico da autoria apostólica da data, provavelmente precisará ser dito antes, isto é, somente se alguém tomar Mateus 24-25 como eu faço como uma tradição autêntica de Jesus e não como uma profecia posterior ao evento, não há necessidade de datar o Evangelho depois de 70. Portanto, se alguém não está convencido de que Mateus depende de Marcos, e eu não estou... Há outra razão para uma data anterior. Há estudiosos notáveis que defendem uma datação anterior a 70 d.C. de Mateus, e estes incluem estudiosos como Craig Blomberg, Don Carson, Robert Gundry, Gerhard Meyer, Beau Ryka e J. A. T. Robinson, mas, no geral, os estudiosos não são dogmáticos quanto à data do livro.

Agora, os destinatários e a ocasião de Mateus. As características de Mateus. Citações da fórmula de cumprimento da Bíblia hebraica e sua apresentação de um Jesus que veio para destruir, mas para cumprir a lei e os profetas, são apenas duas das razões pelas quais todo estudante de Mateus deve chegar a alguma conclusão sobre a relação desses evangelhos com os destinatários do judaísmo. Os estudiosos estão divididos sobre esta questão, com alguns convencidos de que a Comunidade de Mateus contém muitos gentios e já está separada da sinagoga. Gundry e Stanton chegam a esta conclusão. Outros defendem a visão oposta de que a Comunidade de Mateus é em grande parte judaica e ainda está conectada com a sinagoga, como Harrington, Overman, Salvareny, Seagal e Sym.

E há aqueles que ocupam uma espécie de meio-termo entre os dois. Os oponentes argumentam que Mateus só pode ser explicado satisfatoriamente quando visto no contexto de uma minoria em conflito, isto é, o povo de Mateus, em processo de abandono da

sinagoga, ou seja, aqueles a quem Jesus está atacando. Hagner é um dos que defende essa visão.

Neste curso, adotamos a visão de que a Comunidade de Mateus ainda está envolvida com a sinagoga. Estudiosos como Overman Salverany e Sym argumentaram para que eu entendesse isso de forma conclusiva, e o comentário que provavelmente aborda isso de forma mais clara e consistente é a extensa obra em três volumes de W. D. Davies e Dale Allison, na série International Critical Commentary. Esse livro é indispensável para quem deseja realmente estudar Mateus em profundidade.

Embora muitas séries tenham sido propostas, a localização da Comunidade de Mateus provavelmente nunca será conhecida com certeza. A cidade de Antioquia tem muitos defensores, mas outros sugerem que Tiro ou Sídon, Kilpatrick; Galileia, Overman ou mesmo Pela, na Transjordânia, um sujeito chamado Slingerland, chegaram a essa conclusão. É um fato feliz que a compreensão da mensagem deste livro não depende do conhecimento da localização de seus destinatários originais.

A ocasião da escrita do Evangelho e seu propósito, é claro, não são explicitamente declarados em nenhum lugar dele, e só podem ser aproximados por hipóteses inferidas de Mateus. Supondo que o público seja uma comunidade cristã-judaica, como eu, trata-se evidentemente de uma comunidade que precisa entender como a vida de Jesus, o Messias, cumpriu a Bíblia Hebraica.

E como os ensinamentos de Jesus interpretaram a Torá de Moisés, 5:17, e a queda. Esta comunidade também precisava saber por que os líderes judeus não cristãos entrincheirados não deveriam mais ser seguidos, capítulo 23.

A comunidade também evidentemente precisava expandir seus horizontes para a palavra missão aos gentios. Mateus frequentemente retrata os gentios de forma positiva, como quando as mulheres gentias são mencionadas na genealogia de Jesus, 1:3, 5 e 6, e o rosto dos gentios é enfatizado, 8:10, 15:28 e 27:54.

Tais detalhes da narrativa preparam o leitor para a comissão culminante de que a comunidade leve a mensagem de Jesus a todas

as nações (28:19). A discussão a seguir, com ênfase teológica em Mateus 28, fornece implicações adicionais sobre o propósito original do Evangelho.

Agora, passamos para a questão da canonicidade e da história, nossa segunda questão principal aqui, na aula 1A.

Primeiro, precisamos considerar o testemunho de Papias. A questão fundamental na história textual de Mateus é a mais possível. Orígenes é um texto semítico que só foi traduzido mais tarde para o nosso grego atual, com as fontes patrísticas de Mateus assumindo essa posição. Já o mencionei na discussão anterior sobre autoria. O texto mais antigo é Eusébio, História Eclesiástica 3.39.16, que cita Papias no sentido de que Mateus coletou os oráculos sobre Jesus em hebraico. E cada um os interpretou da melhor maneira possível.

À primeira vista, Papias. Desculpe-me, à primeira vista, Eusébio, a citação de Papias parece indicar que Mateus foi originalmente composto em hebraico e que pessoas posteriores, talvez traduzindo daquele original hebraico, o traduziram para o nosso evangelho grego. Visto que o nosso Mateus grego atual não se lê como uma tradução de um original hebraico. Alguns argumentam que Mateus escreveu tanto o evangelho quanto um Evangelho grego. Outros pensam que Papias são oráculos ou ditos de Jesus, como os críticos modernos da Fonte chamam de você, ou mesmo os discursos de Jesus encontrados em nosso Mateus grego.

Mas parece não haver nenhuma mudança de manuscrito exemplificada. Isso diz algo do chamado hebraico. Mateus é mencionado por Papias por essas e outras razões, como Gundry.

Propus que o termo no meu dialeto hebraico não se refere à língua hebraica, mas apresentei um estilo de escrita ou um estilo retórico, e que, quando se trata de piedosos, cada um interpreta que não se refere a tradução. Mas cada um interpretou como bem entendeu. Se for esse o caso, Papias afirma que o estilo de composição de Mateus era judaico, e os indivíduos subsequentes interpretaram esse estilo judaico de escrita da melhor maneira possível.

Talvez características como a genealogia de Matthews e a ênfase na forma sejam indicativas de seu estilo de composição judaico.

No que diz respeito aos manuscritos gregos, a história textual de Mateus é exemplificada em um grande número deles, havendo mais de 20 manuscritos unciais, que contêm o texto completo ou quase completo de Mateus, entre eles o Sinaiticus e o Vaticanus abreviados por Alephe e B, também o códice C, D & W, o códice Sigma e outros adicionais, como 0211, I, k, m, uv, Delta Beta, Pi e Ômega.

Estes são apenas alguns, e existem outros manuscritos que contêm trechos de Mateus, incluindo P 64 e P 67, P 77, P 1, P 45, P 53 e P 70, e assim por diante. Esses manuscritos são um pouco anteriores aos manuscritos unciais, apenas uma menção. Eles são mais fragmentários, além desses papiros e manuscritos não selados. Portanto, há centenas de minúsculas chaves que testemunham a tecnologia. O Mateus é, obviamente, abundantemente citado em fontes patrísticas e frequentemente usado no lecionário da igreja, e foi traduzido para outras versões antigas pelos cristãos nos primeiros dias. Portanto, há um grande número de manuscritos disponíveis na história textual de Mateus.

Quanto à canonicidade de Mateus, este foi o Evangelho mais popular da igreja primitiva. E não havia dúvidas sobre sua canonicidade entre os ortodoxos, e ele se situava nas regiões oriental ou ocidental da igreja. No entanto, o herege Marcião, em meados do século II, juntamente com seus seguidores, defendeu um Cânon que não incluía Mateus, sem mencionar o Antigo Testamento, Marcos, João e as Epístolas em geral. Marcião afirmava uma espécie de dualismo gnóstico entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento como revelações de dois deuses diferentes. Portanto, a insistência de Mateus no cumprimento do Antigo Testamento por Jesus era impensável para Marcião.

Marcião aceitou apenas uma versão editada do Evangelho de Lucas e das Epístolas Paulinas como seu Cânon. Evidentemente, seu ataque ao cânone ortodoxo primitivo foi um fator importante no processo que levou à formalização do cânone nos dias seguintes. Além das fontes patrísticas já citadas, o chamado prólogo antimarcionita de Lucas e João, bem como o fragmento da moratória, são excelentes. Ambos falam do indiscutível Evangelho quádruplo, a tradição da Igreja. Podemos também consultar Irineu em seu livro *Contra as Heresias*,

3.11.8, Cipriano, suas Epístolas 73:10, Clemente de Alexandria 3.13 e outras fontes patrísticas para confirmar a candidatura de Mateus.

Tenho certeza de que você já ouviu o suficiente, e desta vez é hora de abordar algo um pouco mais interessante do que a questão de como Mateus é construído como obra literária. Assim, passamos agora para o terceiro aspecto principal desta palestra, questões literárias. O primeiro aspecto da pergunta para analfabetos: que tipo de livro é Mateus? O que é um evangelho? O que queremos dizer com o gênero dos evangelhos como livros, que têm história e teologia?

Devido a preocupações apologéticas relacionadas à necessidade de afirmar a historicidade das histórias dos Evangelhos sobre Jesus, os evangélicos conservadores têm, por vezes, relutado em considerar que os Evangelhos são teologicamente motivados. Isso ocorre em resposta à erudição liberal, que tende a ver os Evangelhos como documentos imaginativos produzidos para atender às necessidades da Igreja, em vez de transmitir Tradições confiáveis sobre Jesus. Tal erudição encontra histórias dos Evangelhos que, na realidade, refletem situações e controvérsias enfrentadas pela Igreja após 70 d.C., em vez do Jesus histórico. Um exemplo desse tipo de pensamento é o comentário de F. W. Bair em nossa bibliografia. Os evangélicos têm respondido corretamente em defesa da confiabilidade histórica dos Evangelhos a pessoas como a obra de Craig Blomberg, com o mesmo título, 1987a, mas, ao fazê-lo, às vezes a importância teológica dos Evangelhos foi eclipsada.

Outros argumentaram, por vezes, a partir de visões dispensacionalistas equivocadas, que os evangelhos simplesmente nos contam a história, na medida em que obtemos teologia das Epístolas do Novo Testamento, especialmente as de Paulo. No entanto, essa dicotomia história versus teologia é falsa; os evangelhos narram o que realmente aconteceu, mas o fazem por razões teológicas. De acordo com o Prólogo de Lucas, Lucas realizou uma pesquisa histórica cuidadosa a fim de verificar a confiabilidade da tradição oral e escrita, para que Teófilo pudesse aprender a verdade confiável sobre Jesus quando extrapolassem do prólogo de Lucas para o evangelho. Parece que o procedimento deles era transmitir as Tradições de Jesus, que eles haviam recebido com o objetivo de atender às necessidades espirituais de seu público.

É isso que temos nos evangelhos, interpretações teológicas de Tradições selecionadas, que os autores acreditam ser eventos históricos genuínos, que ocorreram durante a vida e o ministério de Jesus.

Essa noção de que os evangelhos contêm história interpretada teologicamente é particularmente importante. Quando se observa a ênfase distinta de cada evangelho, o evangelho de João. Isso fica claro no capítulo 20, versículos 30 e 31, onde o evangelista afirma que sabia muitas coisas sobre Jesus, sobre as quais você não escreveu. Mas que ele escreveu sobre certas coisas, para que seu público pudesse crer e ter vida.

Assim, chegamos à conclusão de que os autores dos Evangelhos não escreveram simplesmente para satisfazer a curiosidade intelectual dos leitores, acumulando dados históricos. Em vez disso, escreveram para discipular essas respectivas comunidades, trazendo episódios selecionados da vida de Jesus para atender às suas respectivas necessidades. Assim, as narrativas dos Evangelhos ensinam, ainda hoje, ao mostrar implicações teológicas e existenciais das palavras confiáveis de Jesus.

Crítica da fonte e o problema sinótico. Mesmo uma leitura superficial dos evangelhos revela. A semelhança fundamental é conhecida como o problema sinótico. Quais são os três primeiros evangelhos? Tão semelhantes em alguns aspectos e tão diferentes em outros. Todos os evangélicos acreditam em tais assuntos unicamente pela orientação do Espírito Santo no Evangelho. A reflexão do autor sobre o prólogo de Lucas nos levará além das respostas pietistas ingênuas. Parece claro que Lucas tinha conhecimento de escritos anteriores. Isso inclui 1:1 de seus evangelhos, que por sua vez foram baseados em relatos que circularam dos primeiros discípulos e testemunhas oculares. Por essa razão, esta breve discussão do problema sinótico é importante.

As teorias de uma origem sinótica nos relacionamentos podem ser divididas em dois grupos principais: aquelas que enfatizam a independência literária de cada evangelho e aquelas que postulam, por outro lado, alguma interdependência literária entre os evangelhos. Quanto à independência literária, alguns estudiosos apontam a prevalência da transmissão oral da tradição sagrada no antigo Oriente Próximo. O fenômeno dos evangelhos pode ser

explicado por sua edição individual da tradição oral prontamente disponível, sem qualquer necessidade de empréstimo entre si, em nível literário.

Tal abordagem pode explicar as diferenças entre os sinóticos com algum grau de sucesso. Mas parece que a falha é uma explicação satisfatória dos acordos sinóticos, que às vezes envolvem a mesma redação de passagens extensas.

Literário. A interdependência parece ter prevalecido, e a maioria dos estudiosos... Apegue-se ao fato de que Mateus estava envolvido na utilização de Marcos quando escreveu seu evangelho, e essa interdependência literária... Ela foi invertida do moderno para o antigo porque, como sustentava Agostinho em qualquer um dos Padres da Igreja, eles acreditam que a ordem canônica dos evangelhos representava a ordem da dependência literária. Mais recentemente, a abordagem patrística da prioridade de Mateus foi um pouco revisada na chamada hipótese de Griesbach, que postulava que o mercado usa tanto Mateus quanto Lucas.

Embora alguns ainda defendam a prioridade de Mateus, o consenso acadêmico atual favorece a prioridade de Marcos em relação à composição de Mateus e Lucas, a independência de seu evangelho em relação a uma fonte hipotética, Marcos, e outra, conhecida como Q, que supostamente continha uma coleção dos ditos de Jesus. Às vezes, essa visão é conhecida como a Teoria das Duas Fontes, mas foi posteriormente desenvolvida em uma teoria das Quatro Fontes com Marcos, complementada por uma fonte hipotética adicional, M para Mateus e L para Lucas.

No que diz respeito à posição deste curso, estamos enfatizando uma abordagem narrativa para Mateus, não uma abordagem de hipótese documental, como explicaremos agora.

Crítica Narrativa. A utilidade de se chegar a algo próximo da certeza na resolução do problema sinótico, juntamente com as tendências atomizadoras da fonte. Estudos críticos levaram alguns a adotar outra abordagem, um método literário, comumente conhecido como crítica narrativa. A crítica narrativa vê cada evangelho como um todo e tira conclusões sobre o significado, em teologia, comparando as partes de

cada evangelho com o todo, em vez de com essas chamadas fontes hipotéticas.

Powell, em seu livro *Crítica Narrativa*, afirma que, para ler os evangelhos dessa forma, "é necessário conhecer tudo o que o texto diz. Assim que o leitor souber, e esquecer tudo o que o texto não pressupõe que o leitor saiba", na página 20 de seu livro. Essa abordagem parece apropriada, visto que os evangelhos são vistos como história teologicamente interpretada, escrita para a edificação das comunidades cristãs. Seria de se esperar que os evangelhos funcionassem como um todo dentro dessas comunidades, não como sobreposições a serem espalhadas sobre evangelhos anteriores, como outras fontes. Estudiosos modernos têm se preocupado, compreensivelmente, em desvendar a história das tradições, como constatam nos sinóticos, mas tal abordagem parece improvável para as antigas comunidades cristãs.

A crítica narrativa parece muito mais apropriada do que a crítica das fontes para o estudo dos evangelhos no contexto eclesiástico, dado o gênero dos evangelhos como história teologicamente interpretada e a função canônica do Evangelho como Escritura Sagrada. Portanto, este comentário será um estudo crítico narrativo. Todas essas questões críticas às fontes serão ocasionalmente mencionadas.

Uma fraqueza da crítica literária em geral, e da crítica em particular, é que as referências históricas dos documentos literários são geralmente ignoradas, por serem irrelevantes. Mas quando a Sagrada Escritura é estudada dentro de um contexto evangélico, os eventos históricos interpretados pelas fontes literárias devem ser mantidos em conjunto.

Agora, finalmente, a estrutura literária do Evangelho de Mateus. Compreender a estrutura de Mateus é crucial na abordagem crítica narrativa, que busca articular o todo das partes para estruturar o todo do Evangelho.

Embora alguns estudiosos, como Gundry e Harrington, desistam de delinear Mateus, as seguintes abordagens são comumente encontradas. Por favor, consulte a próxima página em suas anotações e compare o que estou dizendo com as três abordagens listadas na página quatro. No esboço de Marcos, Mateus tem sido

frequentemente analisado ao longo das linhas cronológica e geográfica, o que parece funcionar bem. Ao analisar Marcos, tal abordagem normalmente produz uma análise que começa com Mateus, como em Marcos, apresentando o ministério público de Jesus na Galileia, levando-o em uma jornada a Jerusalém, com seus últimos dias: sua triste história, traição, prisão, crucificação, ressurreição e comissionamento dos discípulos.

Nesses casos, temos uma espécie de abordagem biográfica histórica de Jesus, mas ela não envolve de forma alguma o padrão característico de Mateus de alternar blocos de material narrativo e discursivo.

Uma segunda abordagem à estrutura de Mateus se concentra na frase em 4:17 e 16:21: "desde então começou Jesus". Essa é a abordagem de Jack Kingsbury e seus escritos, bem como de David Bauer sobre a estrutura de Mateus. Eles chamaram essa frase de "a frase que ocorre em dois momentos cruciais em 4:17, logo após o relato da prisão de João Batista". O ministério público de Jesus começou com as palavras "a partir de então, Jesus começou a pregar" (16:21, logo após a confissão de Pedro de que Jesus é o Messias, Mateus diz que daquele ponto em diante, Jesus virou o rosto em direção a Jerusalém e começou a dizer aos seus discípulos que ele seria morto lá. Então, está claro que esses dois versículos 4:17 em 16:21 relatam que, embora sejam importantes, a questão parece ser mais um marcador biográfico do que um recurso literário. Em outras palavras, esses são eventos-chave na biografia de Jesus nos estágios de sua vida e ministério. Mas isso é tão importante para a estrutura de Mateus? Eu acho que não. Eu acho que isso não é tão diferente do anterior, a abordagem geográfica cronológica como enfatizada no evangelho de Marcos. Isso realmente não nos ajuda a entrar no assunto de como Mateus alterna narrativa e discurso.

Então, isso nos leva à terceira posição, que é a visão que é tomada aqui ao longo do espetáculo sobre, nossas palestras não disseram, Mateus já havia notado há muito tempo, a justaposição única de narrativa, material de discurso, sinalizada pela frase, "depois que Jesus terminou", no final das principais narrativas.

Reconhecer este padrão estrutural mateano não implica necessariamente

aceitando Bacon, você que Mateus estabelece cinco livros de Jesus, que respondem aos cinco livros de Moisés no Pentateuco.

O esboço baseado neste formato único encontra-se nos seus materiais suplementares, na página quatro, e numa versão mais detalhada. Também se encontra mais adiante nos materiais suplementares, onde pode vê-lo resumidamente na página quatro. Parece que isso nos mostra claramente que Mateus estava tentando nos dizer não apenas o que Jesus fez, mas principalmente o que ele disse. E esta é a característica única de Mateus, que o distingue de Marcos.

Mateus, se você comparar com Marcos, em praticamente qualquer perícopo ou episódio, você descobrirá que Mateus apresenta o evento, condensa os detalhes narrativos de Marcos, mas expande os ensinamentos de Jesus. Os ensinamentos de Jesus, então, são apresentados no Evangelho de Mateus nos discursos singulares, que ocorrem, é claro, nos capítulos 5 a 7. Observe no esboço da página 4, seção 2 B, o discurso sobre Missão, Seção 3. B, Capítulo 10, o discurso sobre as parábolas, 4 B, capítulo 13, o discurso sobre relacionamentos no Reino, Capítulo 18, que é a seção 5 B do esboço. E, finalmente, o discurso, que é chamado de Discurso do Monte das Oliveiras ou Discurso Escatológico de Jesus. Após este discurso escatológico no capítulo 26:1, Mateus diz que, depois que Jesus terminou, todas estas palavras... Isso pode ser significativo, e que ele está chamando nossa atenção para o fato de que este é o último ensinamento público de Jesus. No Evangelho de Mateus, "todas estas palavras" são provavelmente evocações dos quatro discursos anteriores, bem como do quinto e último, nos capítulos 24 e 25.

Então, por favor, diga, olhe o esboço na página quatro, na metade inferior da página, baseado na frase "depois que Jesus terminou", procure e preste atenção porque parece que é um marcador de como precisamos entender a maneira como o evangelho de Mateus se encaixa.

Este é o fim da primeira aula. Nos vemos na próxima aula, na aula 1 B.